

Redacção, Administração e Propriedade CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA — Telef. 5-CETE	Director e Editor PADRE AMÉRICO
Composto e Impresso na TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA	Vales de correio para PAÇO DE SOUSA

AVENÇA

Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XI • N.º 274 • PREÇO 1\$00

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Por muito que se fale. Por mais que se diga. Muito que se escreva. Ninguém como eu. A Obra do Património não foi um



Eis aqui as primeiras da cidade do Porto freguesia do Carvalhido. As que se seguem têm o mesmo sabor pois que a árvore é uma só.

só. Andava ali a ideia entre os grandes da terra, de construir um hospital maior do que o de Leiria. *Queremos um maior.* O

invento. Não senhor. Ela é um Sopro e eu fui o escolhido. Pude- ra ter sido outro qualquer. Entre os oito milhões de portugueses, de mais nenhum Deus se lembrou. E é justamente por amor deste milagre que, estando no Gerez, via com outros olhos e sentia outra maneira as vistas e presença de casas pequeninas, mandadas construir pela Hidro Eléctrica do Cávado para uso dos pobres submersos. São de dois andares, alcandorados, cores diferentes, pinheiros em redor; em baixo, a quase imensidade das albufeiras. O povo está inteirado; eu perguntava e todos me diziam que as casas são da freguesia e é uma comissão que as entrega. Há delas no Rio Caldo. Delas em Vilar da Veiga. Quem havia de dizer que por maneiras tão simples como justas, é possível resolver problemas delicados. Sim. Milhares de homens passam na estrada e olham; porém não vêem!

Parece-me que Vieira do Minho também está ou vai ser dotada com casas desta natureza e se não desta, do pároco e seus parquianos. Estive ali. Vi o terreno; um extenso monte mesmo à beirinha da estrada. Pano farto. Pode-se fazer muita obra e assim vai acontecer. Além de casas, Vieira terá também o seu Lar para os seus Mendigos que não sabem fazer caldo nem têm aonde nem com quê. A Obra do Património é um Sopro. Ela é o próprio Criador na sua criação. Vai-se fazendo luz. Começam as freguesias a bastar-se. A da Marinha Grande, começou por casas pequeninas e hoje já está construindo a *Casa do Doente*. Um bem nunca anda

maior nem sempre é o melhor. Que o digam os que hoje governam os novos hospitais escolares! Oh tormentas! Pois o actual pároco da Marinha teve mais juízo. Chamou a si boas vontades e dentro em breve vai ter na paróquia o doce remédio. A *Casa do Doente*. Até o nome é simpático! Casa pequenina com tudo quanto é preciso para atender 20 doentes; e terreno para alargar quando e se fôr necessário. Com tendas pequeninas não há quem se não entenda.

Ontem no Carvalhido deu-se a entrega de oito moradias a outras tantas famílias; e vão subir mais dez delas. Eram 10 da manhã quando ali cheguei. Estavam os Vicentinos da paróquia. Pároco, lista na mão, vai chamando e convidando a entrar cada família em sua casa. Estas eram da marca. *Eu dormia no chão*, exclama uma habitante, ao pé da sua cama. Uma nobre Mãe que o marido abandonou, outra com sete filhos pela mão, o mais velho de 15 anos. Como dormiriam eles, num cubículo de 2,13 x 1,90?! As lágrimas o disseram, ali deramadas na presença de todos! Havia a família do Barraco, da Furna, do Palheiro. A de quantos angustiados. Toda a classe dos Esquecidos! Na hora própria chega um carro ligeiro e dentro dele o chefe de uma família ocupante. É um doente crónico. Entrou nos braços dos presentes. Não se espera a cura, mas sim boas disposições para sofrer. O mesmo se diz do chefe da família vizinha; mal de Renaud! Duma vez, dentro duma barraca, fui encontrar um doente assim, já sem braços e

NOTA DA QUINZENA

Eram horas do café. Eu atravessava justamente da capela para a cozinha, aonde o ia tomar, quando dou com um homem ainda novo, mal vestido e todo lágrimas. Não trazia atestado nem carta de recomendação; a maneira de se apresentar, foi totalmente inédita. Mete a mão no bolso de dentro do casaco que trazia tira um rolo de papel cuidadosamente embrulhado e vai murmurando, enquanto mo entrega: *é a minha carta de irmão*. Desenrolo. Era a carta patente da Irmandade do Senhor de Barrozelas.

Trazia 25 quilómetros. Ia fazer outros tantos no regresso à sua terra. Desde ontem que nada comera e assim se retiraria, não fora a hora e sítio em que se encontrava. O seu caso era um esbulho. Verdadeiramente, ele não vinha por uma esmola; pedia justiça, mas como esta custa dinheiro, o esbulhado pede-nos a mão.

Trata-se de um pedreiro com família constituída, a quem uns vizinhos, por malícia, roubaram a sua casa. Eis o facto.

Irmandades e Confrarias vêm dos nossos tempos de ouro. O *Mensário das Casas do Povo*, costuma trazer bocadinhos delas e eu não perco uma linha. Eram obras da Igreja para o bem do corpo e da alma dos fieis. Não se faltava aos compromissos e juizes e mordomos eram severos. O povo aceitava e cumpria e fazia gosto da sua comunidade. Nas horas aflitas aí vinha o irmão. Era uma

sem pernas. Era só o tronco! E ficou na barraca. E morreu na barraca. Fora hoje e não seria assim. Outra era. Era de Cristo! As casas espelham. As lágrimas engrossam. É uma hora de Deus! O próprio pároco, que tem visto tanto, nunca assim viu!

Ia ser a missa das onze na igreja paroquial. Padre Pacheco quer que eu faça a homilia. Fui. Verdadeiramente falando, estava tudo dito. Quem faz, diz.

Ao meio dia, deu-se outra grande experiência na vida dos moradores; além de uma casa nova. uma refeição quente!

Um bem, bem feito. Após o jantar os *inquilinos* iam tomando contacto com móveis e pessoas. Não havia distâncias; era tudo uma família. Eles mostravam: *olhe aqui*. Convidavam, — *venha ver mais*. Uma levanta a voz e declara *agora tenho uma chave. Quando sair levo a chave na algibeira*.

Se hora de Deus, hora de Justiça. Nada que tenha mais força.

Nota importante. O Ex.^{mo} Engenheiro Nascimento, da Câmara do Porto, esteve a informar-se aonde as barracas ora vazias, afim de as destruir. Assim sim,

assistência imediata, interessada, caseira, verdadeiramente fraternal!

Se as Irmandades fossem hoje o que ontem eram, este caso do esbulhado tinha tido outro tratamento. O Irmão ia aos seus irmãos. Não atinava de maneira nenhuma com outros caminhos, tal a força da Irmandade e a sua confiança nela. Ali, na presença do juiz, expunha, mas não pedia nem chorava, como fez aqui. Aquelas suas lágrimas, eram, até, a demonstração de uma Irmandade morta.

Não seria possível regressar àqueles tempos, agora que, por excesso da população, vai faltando mais o pão, por mal repartido — não seria?! Não existe freguesia em nossa terra que não venha daquele tempo e mostre pergaminhos. Não importa nome, nem data, nem sítio; elas eram e estavam para o bem dos confrades e irmãos. Eram e são. O povo continua ligado às tradições. Ora se nós todos nos juntássemos para um mesmo fim e iguais sentimentos, tínhamos resolvido nessa hora o problema social, que aflige governantes e governados. Os quadros estão. O povo está e quer e precisa.

UMA CARTA

«Venho participar-vos que cambiei há dias para a Obra da Rua a importância de 16 000\$00. Era uma quantia guardada aos poucos, para ir no próximo Natal, ver a minha muito querida mãezinha, que já, há trinta Natais passo bem longe dela. Como ainda não possa ser este ano, resolvi mandar-vos esta importância, afim de melhorar um pouco as agruras dos nossos queridos irmãos—os pobres. Sou pobre e de família muito pobre, não ficando mesmo muito bem que assim proceda, mas, os meus, com o meu pequeno auxílio e com grande graça de Deus, vão comendo o seu pedaço de pão e dormindo as suas noites em uma humilde cama. E os outros? Os que o Obra da Rua protege em barracas, furnas e buracos? Os doentes, os incuráveis? Sim, esses precisam muito mais que os meus, porque nada têm a não ser a imensa Bondade com que Jesus Nosso Senhor vos dotou por eles».

Esta carta é do Rio. Os dezasseis mil escudos, representam trinta e dois mil cruzeiros da moeda corrente. O assinante 8.120 contou este dinheiro na operação bancária e ficou sem ele.

Deus dá uma luz especial aos humildes e é justamente nela e por ela que eles vêm a luz. Esta carta é uma lição.

Da que nós necessitamos



Aqui, LISBOA!

O Banco Fernandes Magalhães deposita 364\$ sem nos dizer do que se trata. O Pessoal da Vacuum, é todos os meses 54\$. Um anónimo vai e deixa 1.422\$50.

Mais roupas de Lourenço Marques. Mais de Valadares 1.345\$. Mais 500\$ do Rio de Janeiro. Mais 100\$ do Porto. Outro tanto de Ermezinde. Castro Verde 20\$. Outro tanto do Porto. Porto 300\$ retirado do ordenado de meu marido. Quem dá do que precisa, faz um acto de fé. Caparica com 50\$. Aveiro 20\$. Idem Lisboa. Algures 100\$. Todos aqueles que começaram com suas devoções a favor das Viúvas aqui mencionadas, todos e cada um, ainda não esmoreceram!

Aquele senhor do Porto que deixou uma casa no Espelho da

Outra vez África

«Aqui me encontro e com um dia de trabalho. Na viagem fui dos melhores, nada de vômitos, nem de tonturas, como aconteceu quase a todos.

Espero também que o Pai Américo se encontre bem, assim como todos os meus colegas.

Do senhor Albano e sua esposa as melhores referências, pois logo que cheguei a casa, trataram de me pôr à vontade.

Tenho um quarto que é uma maravilha, tem uma vista lindíssima para o mar e também acesso para o mesmo, questão de descer umas escadas e dar uns cinco passos no quintal.

A cidade é toda moderna, tendo bonitos prédios, assim como jardins cheios de arvoredos: gosto mais desta do que Luanda, que também visitei.

Pai Américo, como acima referi, já trabalhei um dia, fazendo lançamentos no contas correntes, assim como somas nuns livros de clientes.

O senhor Albano já me deu a chave do estabelecimento, enfim, encontro-me o melhor possível. Como num restaurante (e muito bem) onde há todos os requisitos.

E para agora Pai Américo, nada mais, e uma coisa há: é que pode estar certo que farei sempre o possível para merecer a confiança do meu patrão, assim como a do Pai Américo.

Saudades para todos, em especial ao Avelino e Júlio, Sérgio e Manuel Pedreiro, Sejaquim e Gonçalves. E receba um abraço saudoso de seu filho, Adriano Nunes»

Qualquer rapaz gosa da suficiência de se exprimir, apreciar, ter gosto, viver: *tenho um quarto que é uma maravilha*. Nasceu e viveu até aos dez em lugar bem diferente...! Se lá tivesse ficado, hoje teria perdido o uso daquelas faculdades. *Tem uma vista lindíssima para o mar*. Mais poder de aderir ao belo; chama ao mar *lindíssimo*. Os deles que dormem nos currais, não conhecem superlativos. A descrição que o Adriano faz do Lobito e a comparação com a cidade de Luanda, brota do seu natural discernimento e liberdade de julgar. Agora vem a força e o amor ao trabalho — *já trabalhar um dia*. Mais um ponto espantoso: *o senhor Albano já me deu a chave do estabelecimento!*

Moda em prestações de mil, continua com metade *para o pão dos Pobres!* Quem será ele? Deus conhece-o. Porto 100\$. S. Mamede de Infesta também. Roupas de Moçambique. Figueira da Foz 25\$. No Depósito um mundo! Porto 500\$. *Da que nunca se esquece* 20\$. Da Maria de Lisboa 50\$. Duas libras em ouro, de Vila João Belo, África. Lobito 225\$. Como se vê, África não fica longe. *Uma mãe agradecida*, também Fonte da Moura, 100\$. Porto com o *produto total do meu ordenado*, 300\$. É o José Neto. Que heroísmo! Como teria sido esta pancada interior?! Quem lhe deu a decisão? Por muitas maneiras e em todos os tempos se comunica Deus ao homem. Lisboa 50\$. Uma Maria de Portugal *do seu primeiro ordenado*, 20\$. A Maria da Graça, que anda a estudar medicina, manda 100\$. Olhe o seu nome! Guarde o seu nome! Graça. Tantos rapazes e tantas raparigas a queimar as pestanas por um bom emprego e ainda não descobriram *a melhor parte!* A Carolina do Porto manda 150\$, aumento do ordenado de seu filho. Georgina manda 1.000\$. Mais 30\$ de Matola — Rio. A Marina dá 20\$. Sá da Banzeira 50 angolares. Anónima 50\$. De *uma mãe* 200\$. Quem como elas?! A maior desgraça que pode acontecer à mulher é não o querer ser, por motivos humanos. Porto 50\$. Outro tanto. Idem do casal R. D.. O *serralheiro* do Porto, não falta com os 50\$ do estilo. Também nos ofereceu uma data de garrafas de vinho da sua colheita.

O mestre de Obras veio hoje trazer-me mais duas chaves de casas concluídas. São as dos «Empregados da Federação dos P. de Trigo» e da «Casa do Pessoal da Sacor». Estamos em catorze entregues e mais dez em andamento. Vinte e quatro casas que a cidade de Lisboa nos confiou, além das que foram construídas na área do Porto. Bem me parecia que a capital não ia ficar mal colocada. Esta marcha tem sido lenta mas segura, e leva jeitos de querer acelerar o passo. Pelas igrejas, a nossa passagem é assinalada com propósitos que, como semente lançada à terra, vêm a produzir fruto a seu tempo. Assim o verificamos na «Casa de N. Senhora do Resgate». Este dinheiro estava congelado no banco, para as enchaquecas da velhice. Representa uma vida de trabalho. Uma palavra na igreja do Campo Grande veio derreter o gelo dos cálculos humanos para fazer entrar nas veias dos pobres, este alimento da traça e dos ladrões. Quem se encosta à letra do Evangelho nunca perde. Os cem por um são juro garantido.

A nossa furgoneta sai com frequência a juntar mobílias para as casas dos pobres. Não tem legendas. Bastam os inconfundíveis gaiatos. Passados há dias juntos numa bomba de gasolina donde a Vacuum tira todos os meses quarenta litros para a fazer andar, somos abordados por um *chauffeur* de boné.

—Vêm do Tojal?

CASA DO GAIATO DE BEIRE

Assim se chama o futuro Lar Agrícola da «Obra da Rua» em contraposição de outros que já possuíamos nas cidades do Porto, Coimbra e Lisboa, ao serviço dos que seguem carreiras do Comércio e da Indústria. A quinta, por sorte, fica situada a uns escassos dez quilómetros desta outra de Paço de Sousa de maneira que, além de se bastar abastece.

O Ministro das Obras Públicas, por meio dos Serviços do Porto, oferece assistência na exploração de águas e planos de instalações de gado, pocilgas, capoeiras, coelhos, e o mais que é dado a uma estância desta natureza. O Sub-Secretário de Estado da Agricultura, também, no caso de plantas, qualidades, disposição de estábulos, raças, produção, cilos adega e tudo.

Vamo-nos lançar em mais uma aventura, já que a Providência, como o povo chama a Deus, colocou ao nosso alcance esta oportunidade única.

Não é uma casa aonde se recebe o rapaz, mas sim para onde transite o de outras, que escolha por si ou seja por nós escolhido, para o trabalho do campo. A presença das oficinas, como acontece aqui, perturba os da quinta. Os seus companheiros largam às horas e eles não têm horas. No novo Lar não. Não senhor. São eles e seus múltiplos afazeres. Não comparam. Não se tentam. É aquele o seu emprego

Anda actualmente um topógrafo nos serviços de levantamento,

para ficarmos a saber quantos hectares e qual a sua futura produção; e entretimentos o meu comer e o meu dormir é a Casa do Gaiato de Beire. Não que a mim me preste; são mais cansadas. Mas porque, mesmo sem testamento, deixo ficar uma fatia de pão a cada um da Comunidade de Paço de Sousa. Os Padres da Rua herdaram 22 hectares no Tojal; 8 hectares em Miranda; 28 hectares em Paço de Sousa. Muito mais em Beire. Não se trata de terra morta mas sim calcada e regada e remexida. Cada palmo fala dos nossos. Árvores, frutos, plantas, sementes; gados, passarinhos. Ribeiros, tanques, levadas, fontes, tudo.

Vinte e cinco anos de Pobreza jurada, conduziram-me a esta altíssima Riqueza! Quanto mais renunciávamos, mais recebemos! Bendito seja o Senhor Deus de Israel.

Hoje, não mantemos a coragem de erguer uma aldeia. Fosse para receber o abandonado que enjeita ou é enjeitado da família e estavamos em casa. Porém, com o *par ilegítimo*, não podemos mais. Deixei-me vencer por um estado de alma. Há um desdobraimento no meu ser, com tendências a piorar. Se nos trabalhos, se no refeitório, se na capela; aonde quer que haja um grupo, eu olho e distingo interiormente; *és. Não és*. É agora; dantes não se me dava. Será o gume da justiça a cortar a minha alma? O que eu vim aprender e estou aprendendo neste campo social! Quantos homens de nome

—Vimos sim, donde nos conhece?

—É pelos gaiatos. A minha Senhora ia para lá levar um bom donativo, mas nesse caso...

Foi-se a ver o caso e eram 8.500 escudos para o Património. Na mesma viagem completou-se a carrada e outro envelope elevava a dez contos a trajectória daquele dia. Sempre que a colheita aumenta, costume fechar os olhos e percorrer mentalmente os caminhos que nesta semana nos levaram aos tugúrios dos Pobres pois sempre descobrimos uma ligação directa entre o dar e o receber. E os meus olhos foram parar à porta daquela barraca a desconjuntar-se, numa viúva cega, do Vale Escuro, cheia de feridas e debilitada pela fome. Ouvia chorar:—O meu amparo era um filho de dezasseis anos, mas agora levaram-me preso. Não me admiro de este ter ido parar à Tutoria, o que admira é que ainda haja por ali uns duzentos que ainda não passaram pela cadeia, onde se encontram já os pais de muitos. Como em toda a parte há por lá muita virtude escondida, mas o que aparece à vista é tudo podridão e escória. Leio nos livros que há vinte anos já um Senhor apresentava à Câmara a trágica situação do Vale Escuro. Que diria ele agora!...

Um Casal Feliz volta a chamar pela carrinha e enche-a de camas para os Pobres e mais cem e duas prestações de mil cada. Ainda uma segunda prestação de 1.200\$ para «Casa de minha Mãe» A carta vem assinada por *Um dos Sete*. E esta também é mãe pois pede que rezemos pelos seus filhos. Boa cepa, boas varas, lindos cachos; tudo beleza!

Agora uma observação que já fez estremecer muita gente: Se todos dão para o Património, vão morrer as Casas do Gaiato...

—Não tenha medo, meu Senhor! O seu receio, que revela muito carinho pela Obra, não entraria no seu coração se não tivesse já passado pelo pensamento de Deus. Ou julga que Deus é como aquelas mães abortadeiras que matam uns filhos com medo que o pão não chegue para os outros?

A prova está aqui: Da cotização mensal dos Emp. da Vacuum 1.372\$50 e da Nestlé 183\$ Dum oficial na véspera de partir para a Índia 1.500\$. Que o Senhor o leve e traga em bem. Do Casal de Paroquianos de S. Jorge de Arroios 100\$ mensais; da Travessa das Águas Livres 25\$; Visitantes da JOC. de Santa Isabel 440\$; crianças da Freguesia do Beato 500\$; de trinta Professores Primários 340; 630 da tradicional visita

(Continua na quarta página)

e posição, gostariam e de facto tentam passar para o seu filho o nome que só a eles pertence — *illegítimo*; quantos! O que nós hoje sabemos, por força da nossa missão! E temos de os sentar à mesa! Se à entrada das aldeias esboçássemos escolha, aí vinha sobre nós a opinião pública: *Ora essa? Que culpa tem o inocente?* Nenhuma.

Mas procure-se o culpado. Que se vá sobre ele até o sítio aonde estiver. Não ergo mais aldeias.

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA Agora estamos na época dos quintais. Cada um vai aproveitando os bocados de terreno que geralmente ficam nas ribanceiras e semeiam as mais variadas coisas. O que mais se semeia são batatas, porque quando fazem as colheitas a senhora faz uma caldeirada para os proprietários. O melhor quintal foi o do Manel Coco, que juntamente com seus colaboradores apanharam uma fartadela.

Um grupo de jovens de Paço de Sousa fundaram um clube que tem o nome de Egas Moniz Futebol Clube, do qual fazem parte alguns dos nossos colegas.

Tem feito boa figura, pois tem derrotado grupos da sua categoria de Penafiel e Cete. Este vosso amigo, deseja-vos muitos êxitos.

O nosso novo livro, intitulado "Viagens", está em franco movimento. Já saíram do prelo as duas primeiras folhas e já outras estão à espera da máquina que tem tido muito serviço.

Esperamos os amigos que ainda não estão inscritos como assinantes das nossas edições, se inscrevam para que este livro tenha ainda maior êxito que os anteriores.

O êxito que pretendemos alcançar é espiritual e não material, como muita gente pensa.

Os rapazes que andavam na escola, na terceira e quarta classe, já todos fizeram exame e ficaram aprovados embora alguns não merecessem muito... Da terceira foram quinze e da quarta nove, que se encontram já empregados: três na tipografia, um no alfaiate e os restantes no Porto, onde se encontram no lar.

Foi mais um passo dado em frente por estes nossos colegas, que esperamos corresponderem à esperança neles depositada. Boa sorte, amigos!

Agora muito tenho a agradecer à Ex.ma senhora D. Ana Alves Leão, da vizinha freguesia de Parada de Todeia, que sempre pôs a sua casa às nossas ordens, pondo este vosso amigo cheio de vaidade, pois é sua íntima amiga e pelo lindo ramo de flores que ia oferecer ao Pai Américo pelas suas bodas de prata mas ele encontra-se a descansar um pouquinho no Gerez.

Fica para outra vez minha senhora. Para presentes há sempre actualidade.

O quei ultimamente tem estado muito animado. Realizou-se um campeonato entre pequenos que foi ganho mercadamente pelo Lusitano que era sem dúvida a melhor equipa do torneio.

A classificação após a última jornada ficou assim distribuída: Lusitano, 16 pontos, Juventude 14, Paredes 11, Leixões 8, Infante de Sagres 5, Sanjoanense 4. Os melhores marcadores foram o Pastelão, Zé do Porto, Manel Coco e Quim. Os jogadores que mais se distinguiram: Alvaro, Pastelão, Macaquito, Zé do Porto e Banana.

Tenho a acrescentar que não foi preciso ir nenhum para o hospital, mas a senhora teve que fazer muitos curativos...

Agora que o nosso forno tem estado em obras, a boroa é-nos fornecida pela padaria de Paço de Sousa, que cose muito bem, perante a alegria da «malta» que vai dando vazão...

É um gosto ver os cestos de boroa transportados todos os dias pelos empregados da dita padaria, pela nossa avenida acima, perante os alegres comentários: «É pá, logo é que vai ser comer...» Parabéns ao senhor Gonçalves e seus padeiros.

Saiu o 5.º fascículo da história do Futebol Clube do Porto, que como todos os outros apresenta um aspecto soberbo, como é timbre da tipografia «Marca». Neste número traz uma separata a cores do antigo internacional Tavares Bastos, as vitórias do F. C. Porto sobre o Vasco da Gama do Rio de Janeiro, a do Austria e a inauguração do velho campo da Constituição, onde este clube conquistou retumbantes vitórias.

Faltou-nos uma bola de couro em estado de nova e o nosso grupo ficou a olhar o balão... O grupo já resolveu engraxar o Pai Américo, mas este parece pouco disposto e não deve cair...

Começam a amadurecer as melancias, melões, maçãs, pêssegos, uvas, e a haver ratoneiros... Só duma vez foram caçados 16, entre os quais se encontravam o Cheirinhas, Fábido, Pataco. Encheram a barriguinha à vontade, mas à noite torceram o nariz...

Nos dias 14 e 15 de Agosto realizou-se nesta freguesia de Paço de Sousa, onde repousam as cinzas do imortal português Egas Moniz, as tradicionais festas em honra de Nossa Senhora que decorreram com muito brilho.

Daniel Borges da Silva

CONFÉRENCIA DO PORTO Conferência — A falta de notícias da Nossa Conferência tem-nos acarretado sérios prejuízos de que os nossos pobres têm sido as grandes vítimas. A falta delas, implica total esquecimento pelos nossos pobres, e daí o menor número de donativos para os mesmos.

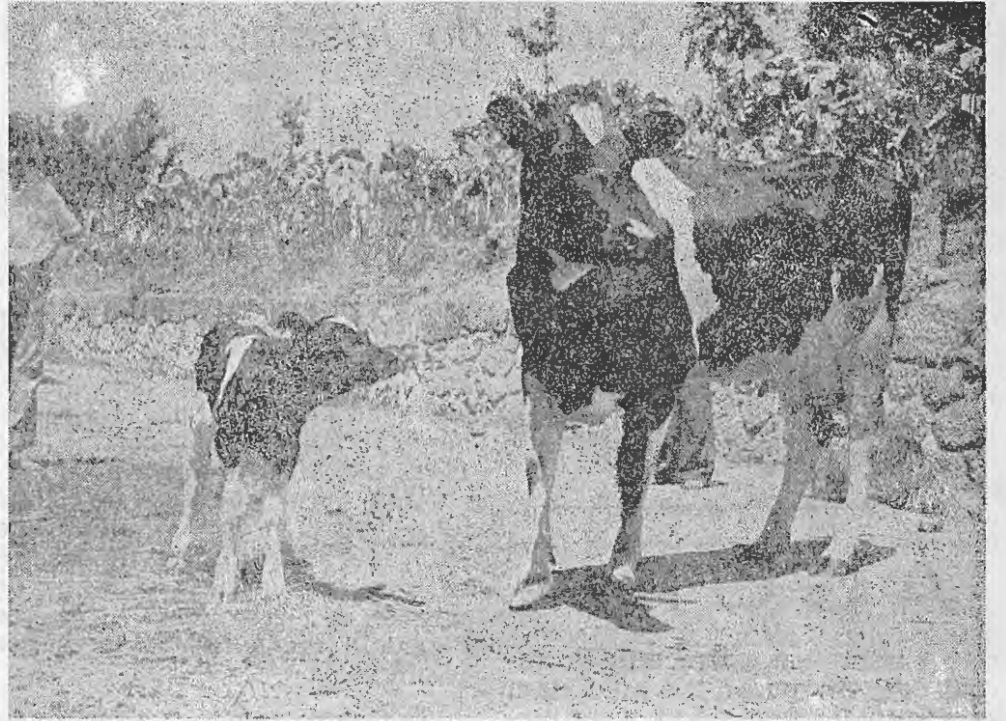
Tem havido da nossa parte um pouquinho de preguiça e da parte dos nossos leitores um total esquecimento pelos nossos pobres do Barredo. Vamos pois fazer as pazes, nós enviando notícias sempre quentes e fresquinhas, e os nossos leitores correspondendo a elas. Está bem?

Pelo exposto, as de hoje são tristes, mais tristes do que as noites tenebrosas de inverno. Há dois meses os nossos protegidos não recebem o cartãozinho que tanta falta lhes faz. O débito à mercearia que estava em 2.000\$00, foi-se amortizando com o que fomos recebendo dos nossos subscritores. São 840\$00 o total que ainda devemos e enquanto não se pagar, a Conferência não poderá funcionar.

Quanta fome têm passado alguns senão todos os nossos pobres, pois alguns apenas tinham o nosso óbulo com que se sustentavam toda a semana. São eles que a chorar contam da sua miséria, desde que o nosso cartão lhes falta. Além da fome, o senhorio implacável com menosprezo pela vida do pobre, reclama em termos ameaçadores o pagamento da renda da casa. Oh infelizes! Desprezados do mundo e de todos, sofrem como uns heróis as agruras da vida. Mas quantas vezes apesar desse sofrimento, eles nos dão lições que fazem tremer. Tremer da responsabilidade, porque todos temos culpa do sofrimento do pobre.

Esta lição que vos vou contar, atesta bem da grandeza destes heróis que pelo Barredo habitam em condições piores do que animais.

Uma das nossas pobres, carrejona, tem o seu homem tuberculoso e uma filha. O homem porque não pode trabalhar entretem-se de vez em quando a pescar. Acontece que numa das pescarias, caçou um belo robalo. Seria um belo prato daquela noite, mas não, dirigiu-se ao seu visitante e com ele já pronto para cozinhar, ofereceu-lho. Escusado será dizer que o seu visitante não o queria aceitar pois sabia bem da necessidade daquele pobre, mas foi impossível porque este obrigou-o a ficar com



Exemplares da Casa de Paço de Sousa.

ele. Tinham-se passado poucas horas, quando na companhia de um outro confrade, o mesmo pobre aludindo à falta da nossa esmola, dizia a esse confrade: — «Há três dias que não acendo o lume, tem sido fome de matar! Por cúmulo fui presa por andar descalça e até ao próximo dia X terei que pagar 16\$50 porque senão, cadeia.»

Nós queremos continuar a dar a esmola aos nossos pobres, colhendo ao mesmo tempo amor dos nossos protegidos. Sim, eles dão-nos amor, em troca de caridade. Nós somos a sua vida, a sua alegria, a sua consolação. Por isso muitos nos chamam filhos, netos e mais coisas belas que nos enchem a alma. Despertamos as suas vidas para o Divino de tal forma que um casal com sete filhos, juntos há 38 anos, veio ter com o seu confrade e dizer-lhe que se quer casar. A nossa presença, o nosso carinho, o nosso amor, abriram brechas nestes corações, pedindo-nos para ingressar no rebanho do Senhor.

Façamos todos um examezinho de consciência, que ninguém nos ouve, e tomemos para tal a oferta do robalo. Punhamos de parte por uns instantes o nosso egoismozinho e depois escrevei-nos.

Carlos Veloso da Rocha

COIMBRA No dia 29 do mês passado foram entregues as primeiras quatro casas do Património dos Pobres nesta cidade. Duas ficam na Arregaça e outras duas no alto da Conchada. As primeiras como era de esperar ficaram um pouco. Tudo isto foi trabalho de uma senhora à qual já se aqui fez referência e o terreno foi oferecido por uma generosa família. As outras duas foram uma à custa dos alunos do Liceu D. João III e a outra oferecida por uma caridosa viúva na qual deu entrada uma viúva pobre, da nossa conferência. A esta cerimónia estiveram presentes: o senhor Arcebispo, o nosso Pai Américo, várias autoridades civis, muitos dos nossos amigos e uma grande multidão. A nossa conferência teve de comprar cortinas para as janelas, tintas, mercearias, etc., ficando por isso reduzida a dez centavos. Não se esqueçam portanto da nossa conferência, auxiliai-a, que actualmente está muito em baixo, lembrando-vos de que quem dá aos pobres empresta a Deus que paga cem por um.

Um esclarecimento — Eu e o meu colega, o Lita, andamos agora ocupados com a cobrança dos subscritores desta conferência. Já alguns subscritores têm protestado e com certa razão, por andarmos ainda a receber as quotas do ano passado. O cobrador das ditas era também empregado do B. N. U., e por isso não tinha vagar para tal serviço tendo deixado atrazar a cobrança, de tal maneira que ficamos nós com este encargo. Os senhores não se admirarem e desculpem, que nós daqui para o futuro havemos de trazer tudo em dia. Vamos também aumentar a lista dos subscritores em Coimbra e iniciar uma campanha deles na Figueira da Foz. Vamos bater a todas as portas, os senhores contem connosco e digam todos que sim, agora é que vamos ver quem são os nossos verdadeiros amigos.

Bom seria que os donativos desta região, oferecidos à conferência, viessem para aqui ou para Miranda do Corvo, ou ainda entregues aos nossos vendedores.

O Chico já se encontra a passar as férias em Miranda tendo obtido um bom resultado na passagem do 1.º ano para o 2.º do Liceu. E eu mais o Lita estamos também à porta do exame de admissão ao Liceu. Esperamos que tudo corra da melhor maneira. O Lita já tem um relógio que lhe deram na Figueira da Foz, sendo oferecido por um senhor relojoeiro. Se houvesse também outro senhor do mesmo ofício que me quisesse premiar do mesmo modo, agora que estou na altura do exame gostava de ser premiado com um relógio. Não julguem que isto é inveja, mas é só por causa dele não me andar a aborrecer, a dizer-me constantemente: Já tenho um relógio e tu não tens

nada e tens muitos mais amigos que eu, ao menos os meus são poucos e bons. Em face disto, vejamos os meus amigos se fazem ver os dele, a não ser que aquele senhor que lho deu queira ser também meu amigo. Vamos a ver se pega. Eu cá aguardo confiante.

Carlos Manuel Trindade

TOJAL Depois de construída a coelheira e a eira, fomos lançar a primeira pedra para as oficinas.

Foi no dia 29 do mês de Julho, que era o vigéssimo quinto aniversário da primeira missa do nosso Pai Américo. De manhã foi a missa solene com o ofertório dos nossos sacrifícios que andaram nos três mil. Tudo é pouco o que fazemos pelo nosso Pai Américo. Depois foi o café e logo as inaugurações e a primeira pedra. Estalejaram foguetes e ao meio dia foi o jantar da festa.

Só daqui a meio ano é que as oficinas estarão prontas e teremos novas festas.

O Sr. Manuel, que é quem toma conta de nós, na quinta, lembrou-se de ir à terra nesta altura, costumava sair de três em três meses, mas desta vez foi mais cedo. Depois quem o ficou a substituir fui eu.

De manhã assim que nos levantamos habitualmente rezamos as orações, depois vamos tomar o café. E lá vou eu, ver as limpezas dos das galinhas, dos porcos, dos coelhos, das vacas, da moagem e das ruas. Quanto menos espero aparece uma enxurrada deles à minha volta. E imediatamente os despacho.—tu vais pastar perús, Donovo e Sarilho vão pastar as vacas e as batatas vão para a eira descamisar milho. Passado alguns minutos vem um e diz:— Gouveia de-me trabalho se faz favor. Vai buscar um baldé e vai regar o jardim. Assim é esta faina durante todo o dia. Eles são cem. Uns querem que vá ver as obrigações, outros que se queixam de que fulano bateu, outros que se escondem para escapar ao trabalho, para ir às uvas, etc.

Num destes dias já cansado disse-lhes:— Sabem que não posso andar muito, e por isso devem fazer tudo bem feito, assim poupam que eu ande muito.

Vá lá que a maior parte deles são bons e fazem tudo bem, outros têm que ir a tribunal.

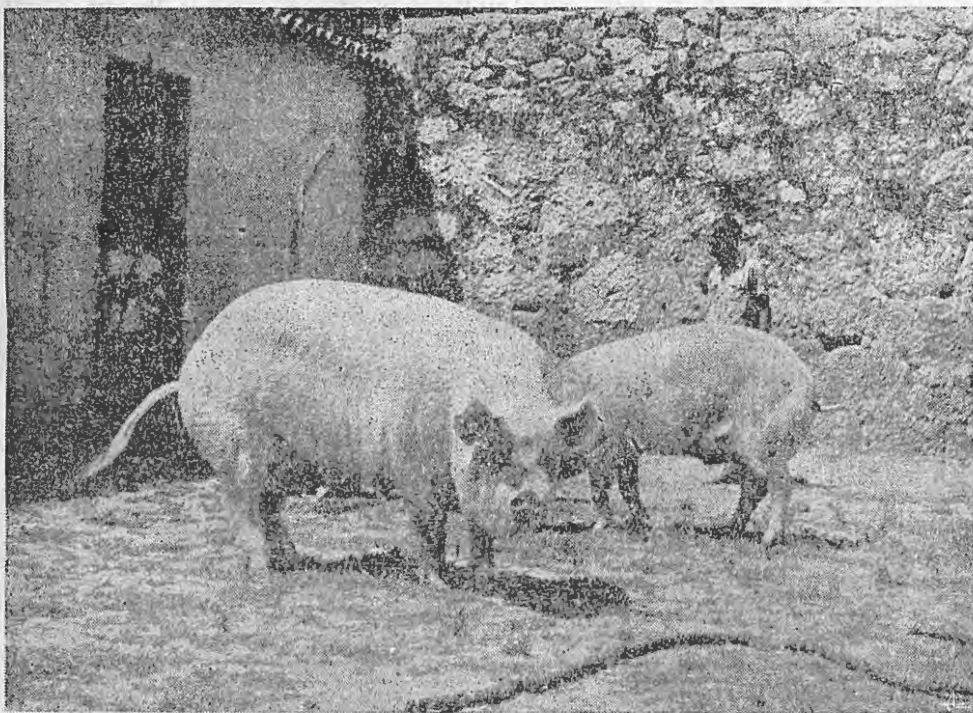
Joaquim A. Gouveia Marques

VENDA DO JORNAL em Viana do Castelo...

Já há muito, que o nosso jornal, não recebe minha colaboração, e os vianenses bem merecem não ser esquecidos, pois os seus actos e o bem que nos querem, estão bem patentes na amizade mútua que nos liga desde há quatro anos.

Vou de véspera, e quando ao longe avisto Viana, parece no meu coração sentir uma alegria que não pode separar-me dos meus fregueses da terra que trilho desde os meus 12 anos. Desde então, tive sempre uma casa onde me recebesse quinquenalmente. Actualmente, cabe este sacrifício ao nosso bondoso amigo senhor José de Melo, o qual nos recebe fidalgamente e nos dispensa especial carinho dentro dos seus costumes habituais... O Papagaio, quis despedir-se dos seus fregueses, ficando a fazer a praça da Póvoa enquanto o verão se prolongar. O senhor doutor Manuel dos Santos, vai-me breve receber. O senhor Rodrigues, entre as várias vezes, quis convidar-me e brevemente lá estarei a fazer-lhe a vontade. O senhor Francisco, também me recebeu e o Papagaio também esteve presente onde nos serviu um bom jantar mais pela nossa presença. No fim, o senhor Francisco, chapou-nos algumas fotos da memorável visita. O senhor Polícia de Viação e Trânsito, tem-nos conseguido arranjar umas borlas fazendo um bom jeito, pois desta maneira evita-se gastos de dinheiro. Os leitores do nosso jornal, mórmente em Viana, têm apreciado muito o nosso periódico mais pelos ensinamentos que encerra.

(Continua na quarta página)



Uma simples amostra. Eles são mais. São muitos. Não fora o zelo do tratador e não seria isto. Ele tem 15 anos.

O Centro Social do Menino Deus

É na Igreja do mesmo nome, nos baixos dela, ali à Costa do Castelo.

Em volta é tudo pobreza. Velhos palácios solarengos lembram tempos antigos em que pobres e ricos confraternizavam e se completavam em mútuas necessidades. A sociedade seria menos evoluída, mas decerto era mais cristã. Hoje não é assim: há bairros de pobres e bairros de ricos. E ali é tudo pobreza.

AGORA

À frente vai o Banco de Portugal com 24 contos. Se até à data a *Procissão* tem sido a vista predilecta de cem mil leitores, agora muito mais, por amor da presença de Administradores de Bancos. Quantos e quantos não hão-de pôr as mãos e bendizer o Senhor!

Imediatamente ao pé deles, vai o *Pessoal da Celulose* com mais 2.005\$20 destinado à casa que eles desejam oferecer. Ao lado vai um assinante de Vila Real com 100\$. A Ema do Porto, digo que sim. Outra vez o pessoal dos C. T. T. da Batalha, com 245\$50. Eles não faltam. Vão devagar porquanto o seu caminho é estreito. *Uma mulher de Palmela*, tem feito para aqui muitas jornadas e hoje torna com 200\$ na mão. Nem ela se cansa de vir, nem nós de a vermos. Lisboa 50\$. O Senhor Delfim Ferreira da Silva, em nome dos E. C. C. S.—C. T. T. do Porto, depositou no Banco 115\$00 para a casa deles, e não vai na procissão.

O mesmo fez o Pessoal da Investigação da Polícia Judiciária do Porto, com 640\$00. Pelo que se nota, também aquele Organismo deseja ligar o seu nome ao Património e arregar do tempo uma família das *tocas*. Porto cem. Deixem passar a Maria de Coimbra, que leva 3 telhas na mão e cem mil em cada uma. Uma assídua leitora com 20\$00. *Um casal reunido na graça e temor de Deus* vem dar brilho e leva 250\$00. O assinante 30.394 de Lisboa leva o dobro. Deixem passar. Torna o que se priva de tabaco com os 20\$ da tabela. A Maria do Carmo vai com 50\$. Atrás é a *mãe amargurada* com o abono do seu *doentinho*—60\$00. Afastem-se, por favor, e vejam os *14 sócios de Proença a Nova* com mais 400\$. Sim senhor. Eu vou a Proença ver os *sócios* e o mais. Uma senhora de Lisboa que fez a *promessa de pedir*, enfileira com 1.585\$00. Uma fechadura de 50\$00.

Mal a procissão ia a recolher e eis que vem avenida acima um casal. Eram horas de missa. O casal entra na capela, assiste, comunga. No final faz entrega de um donativo de dez contos. É pelas criaturas que chegamos ao Criador. Pelo amor do nosso semelhante chegamos ao amor de Deus. Não há outros caminhos. E agora recolheu até à próxima. Não recolheu não senhor. Vem lá mais Pessoal dos C. T. T. da Batalha com nova prestação de 460\$. Para o futuro serão estes dinheiros depositados na conta *Património dos Pobres*, Banco Espírito Santo.

Pois o Centro Social, nos baixos da velha Igreja, não destoava. Nazaré ficava bem ali. E é de lá o espírito que enche aquelas paredes.

Apesar da ausência do que as pessoas civilizadas chamam comodidade, a gente sente-se bem. É um conforto de outra sorte, que não se percebe pelo tacto, mas entra pela alma. De resto, há decoração: umas cortinas de chita encontradas numa arca carcomida, uns bonecos de barro feitos pelos próprios miúdos do sítio, uns trastezinhos de madeira, que servem de assento e de mesas e fazem vista pela cor garrida a «rippolin». Há presença feminina.

O Centro começou a funcionar em vésperas de Natal. A A sistente que o dirige pensou numa campanha, num Presépio, na criação de um centro de interesse que cativasse aquela gente miúda (e a grávida!) e pelo qual se lhes pudesse ensinar e ajudar a viver a festa do Menino Deus. Não sei como conseguiu os primeiros contactos, mas o Presépio fez-se e quem no fez foram os próprios miúdos, escultores e arquitectos desconhecidos, agora entusiasmados pela sua obra. Mães e Pais não deixaram de repetir visitas à exposição da arte de seus filhos. E quando desarmaram o Presépio, ia Janeiro no fim, houve pesar entre aquela boa gente, ali reunida muitas vezes ao longo do mês para ver e ouvir a história de Jesus-Menino e lhe rezar.

Foi pelo Padroeiro da paróquia que aquela Assistente principiou a trabalhar. Jesus disse de si mesmo ser a Porta. E quem entra pela Porta não é ladrão, é da casa. A pobre gente do bairro pressentiu desde logo que aquela Senhora era da casa, era deles, estava ali por eles e para eles. Desde então o êxito do seu esforço não tem mistério algum.

O Centro é independente. Não tem subsídios. Vive de esmolas. É um acto religioso. Daí a pobreza do seu mobiliário. Daí a eficácia de sua acção.

Depois, quem lá trabalha, gasta-se de sorriso nos lábios. Está para servir a Deus naqueles próximos. Ser Assistente Social para ela não é uma profissão, é uma vocação. Por isso, o engenho, a modernidade dos seus processos, que actua nos corpos para atingir as almas e respeitam humildemente a liberdade dessas almas, procurando que elas consigam a perfeição sem lha impor.

Eu saí de lá a pensar no que seriam os Centros Sociais se todas as Assistentes o fossem por vocação... Saí de lá após duas horas de visita. São quatro salitas nuas e escuras comunicando entre si por uns degraus que tive de descer curvado. Duas horas não chegaram para ver quase nada. Aquelas salitas nuas estão cheias do espírito de Nazaré. Em podendo hei-de voltar.

Padre Carlos

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

UM APELO: A nossa despesa com os pobres é grande. E, por isso, de quando em vez, temos de apelar. Pedir o suficiente. E que a maioria dos pobres socorridos são doentes.

Oferecemos leite, independentemente da quantia semanal. Mas o leite está muito caro e a conta no fim do mês ia por aí fora. Houve de se cortar. Só um ou outro goza desta regalia. Tivemos pena. É um alimento imprescindível às crianças e doentes. Mais: infelizmente está provado que somos um dos países de menor consumo do precioso alimento! Quer dizer, para o povo e principalmente o povo das nossas aldeias, o leite é um luxo! Quantas crianças raquíticas, enfezadas, numa palavra sub-alimentadas porque as mães não têm do seu e não podem sequer comprar do outro. É um drama do dia a dia. A cruz das mães pobres. Se em vez do progresso caminhar por outras bandas, por que não começar aqui?

Do déficit da caixa, nem é bom falar. Vivemos de *subsídios* do nosso Pai Américo. O que vem, sendo muito, é pouco para os encargos. Quem nos quer aliviar?

Recebemos de António Pinho Nunes, do Porto, 50\$00. Num envelope, 50\$00. E 10\$00 da assinante

Aqui, Lisboa

continuação da 2.ª página

da Rua Renato Baptista; 25\$ em carta, idem em vale, 100\$ da Praça do Areeiro; cem dos Açores; 100\$ dum neo sacerdote de Leiria; outro tanto doutro do Cadaval com esta declaração de amor: «Não é uma esmola, é a primeira prestação do pagamento da minha dívida de gratidão por todo o bem que *O Gaiato* me tem feito, nomeadamente por ter despertado em mim o amor aos Pobres, que eu espero seja sempre um dos grandes amores do meu coração de padre». Do «Grupo dos dez da Manilha» de Loures 100\$; 100\$ dum Dactilógrafa pobre para o varredor da Curraleira. 50\$ da Rua da Madalena; 50\$ no Lar e muitas mais coisas; 100\$ dum amigo do Brasil, 100\$ para os pobres dos gaiatos em acção de graças pelos exames felizes dos filhos. Uma carrada de pão e 150\$ de velho amigo; 500\$ por intermédio do nosso paideiro para o Património, mais duas prestações de mil do assinante 4.419.

Duas malas de boas roupas de dois portos de África e assinaturas e visitantes e esmolas para sufrágios de Mafra e Fanhões, Lisboa etc.

Finalmente o Montepio. Que descansa aquele *alfacinha* e quantos outros encontram ali um meio fácil de nos ajudar. Na Secretaria param todos os trabalhos quando ali entramos. Mostram-nos as listas, correm pelos embrulhos, telefonam os donativos mais valiosos, depositam e trazem em dia a caderneta e até quando demoramos, vêm trazer carradas de embrulhos ao Tojal. Parece que está todo o Montepio ao serviço da Casa do Gaiato.

Padre Adriano

te 26.231 da Foz do Douro. *Em homenagem a Santa Rita e a Santa Filomena agradecendo graças recebidas, 40\$00 para os pobres mais necessitados da Conferência.* De Ovar, 50\$00. Amélia Guilhermina da Conceição Durão, 15\$00. *Para a Conferência da assinante 17.022, 20\$00;* em poucas palavras esta senhora disse muito! Com uma carta cristã, de Famação, 170\$00. Por fim, 20\$00 são para os pobres da vossa conferência e muito aprecio a dedicação e carinho que tendes com os desprotegidos da sorte mas nossos irmãos em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Júlio Mendes

Pelas Casas do Gaiato

(Continuação da 3.ª página)

Comunico a todos os vianenses, se depender da vontade, e queiram oferecer qualquer coisa, ou entregar assinaturas para o nosso jornal, podem deixar em casa do senhor José de Melo. Registei uma importante oferta do senhor João da Silva Arga, que, ao oferecer um grande embrulho de livros escolares, me quis oferecer um volumoso dicionário. A venda do jornal, continua a correr bem, esperando que os meus fregueses, nunca o esqueçam de o adquirir.

Manuel Henrique (Hélio)

A venda do «Famoso» na Covilhã

Foi pela primeira vez que se vendeu o Gaiato nesta cidade.

Saí de Coimbra às 11,40 e cheguei às 5,20 à Covilhã.

Dirigi-me em seguida à Casa do Rev.º Padre José Andrade que me tratou com todo o carinho pelo que estou muito grato.

Comecei a vender na parte central da cidade com muito boa estrema.

Domingo fui primeiramente como é meu dever à missa porque de Deus é que vem tudo. E depois do Rev.º Padre José Andrade ter falado da obra, comecei a minha tarefa e na freguesia de S. Francisco vendi trinta. Em seguida fui à freguesia de Santa Maria onde o Sr. Prior da freguesia falou também da obra e aí é que foi vender tudo quanto tinha e mais que fossem. Vamos covilhanenses, vamos bater Coimbra e para isso preciso do vosso auxílio. Vamos a caminho dos 500.

Tenho a agradecer ao Cine-Teatro desta cidade e aos donos dos cafés que se mostraram amáveis para comigo.

Para a outra quinzena espero vender 500 gaiatos mas para isso é preciso que os senhores não se esqueçam de mim porque eu não venho só aqui uma vez, venho aqui todas as quinzenas. Não sei se os senhores me estão a compreender.

José Dionísio Figueiredo

De como fomos a Arcos de Valdevez

Mais uma vez lá fui. Desta, fui acompanhado com o Pai Américo, Avelino e Júlio.

Saimos na quarta-feira, dia 14, pelas cinco horas da tarde. Costumava ir do Porto a Braga e desta aos Arcos. Mas não. Hoje saí de Paço de Sousa e depois Paredes, Vizela, e Guimarães. Alto. Aqui paro. Estava ansioso por conhecer a nossa primeira cidade e capital. Até que enfim, que chegou a hora. Por sorte o Morris parou, muito pouco, quase que não saí do carro... Guimarães, muito bonita, desde há mil anos! Queira estar mais tempo mas o Morris estava pronto a seguir e, seguimos. Passado pouco tempo chegamos a Braga. Calor! Calor! Só calor! Quase que não paramos e seguimos para os Arcos de Valdevez, faltavam ainda 37 quilómetros, e com muito calor... Estávamos quase assados...

São horas do teatro, e dirigimo-nos para lá, onde os arcoenses esperavam com ansiedade o Pai Américo. O Júlio falou da Conferência de S. Vicente de Paulo e dos Pobres. O Pai Américo foi aos Arcos de propósito para falar dos Pobres. Falou, e no fim não se esqueceu de dizer que a capa estava cá fora, e os senhores concordaram, e era um regalo ver aquelas amarelas e verdes, a cair numa capa preta...

Encontra-se nos Arcos um senhor estrangeiro, que os arcoenses consideram, e estimam muito, e o Pai Américo tem fé que ele sózinho dê uma casa do «Património».

Papagaio

Colabore na «Campanha de Assinaturas», angariando novos assinantes.